

PROJECTOS EM ACÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: UM PERCURSO DE PRÁTICAS CONVERGENTES COM O MODELO PEDAGÓGICO DO MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA

CONCEIÇÃO SOUSA E PAULO BRAZÃO
UNIVERSIDADE DA MADEIRA

O imperativo de Bolonha

A alteração do sistema universitário português foi definida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior para o Processo de Bolonha e consignada no Dec. Lei nº 74/2006, de 24/03.

“ O programa do XVII Governo estabeleceu como um dos objectivos essenciais da política para o ensino superior, no período de 2005-2009, garantir a qualificação no espaço europeu, concretizado o Processo de Bolonha, oportunidade única para incentivar a frequência do ensino superior, melhorar a qualidade e a relevância das formações oferecidas, fomentar a mobilidade dos nossos alunos e diplomados e a internacionalização das nossas formações (...)

Transição de um sistema de ensino baseado na ideia da transmissão de conhecimentos para um ensino baseado no desenvolvimento de competências (...)

Adopção do sistema europeu de créditos curriculares (ECTS – European Credit Transfer and Accumulation System), baseado no trabalho dos alunos.”

A nova visão reequaciona a função do ensino superior, o papel conferido aos docentes e devolve aos alunos a responsabilização pelos processos de aprendizagem e pelo desenvolvimento de competências.

Bolonha e a aprendizagem por projectos

A noção de projecto parte do princípio de que a vida é acção e é na interacção entre acção e o pensamento que o indivíduo aprende e se forma.

Um projecto é uma acção humana concertada, com finalidades claramente definida e com uma duração determinada, (Boutinet, 1996).

Este autor ao fazer uma abordagem transversal e antropológica sobre projecto enquanto prática incontornável nos múltiplos sectores da vida sócia l... fazer advir, considera quatro dimensões que exprimem quatro preocupações dominantes na acção humana:

- Uma dimensão de inspiração vital;
- Uma dimensão com conotação cultural;
- Uma dimensão mais psicológica e existencial;
- Uma dimensão metodológica de referência pragmática.

Em relação à primeira dimensão podemos salientar que projecto é uma antecipação da vida e conduz os indivíduos para acções com um fim (interno/externo). Podemos dizer ainda que implica falar em aprendizagem significativa, contexto, relação sociocultural, motivação e uma personalidade pró-activa onde o indivíduo tem de ser actor e não só espectador.

No que diz respeito à dimensão de projecto com conotação cultural refere que este é um instrumento que desenvolve nomeadamente o tecnológico e o social além de ser uma oportunidade de melhoria do domínio do ambiente sociotécnico e cultural em geral. Vemos o projecto como mecanismo de antecipação, previsão e vontade, de dominação do próprio futuro.

Quanto à situação existencial do projecto define-se através de cinco termos: projecto, sujeito, objecto, rejeição e trajecto. Assim, ele adquire o seu significado e racionalidade.

Uma dimensão metodológica de referência pragmática do projecto, numa interacção da teoria/acção, antecipação/realização, imaginação/criação.

A palavra Projecto e Educação são duas faces de um mesmo processo com vista à formação das pessoas.

Pensamos que no campo que nos propusemos estudar, o trabalho de projecto é fundamental, pois a sua metodologia é centrada na resolução de problemas e constitui uma estratégia que implica um método de acção participado e solidário, tendo em vista atingir-se um cruzamento de saberes interdisciplinares, conteúdos e reflexões dentro e fora da sala de aula. A mudança no Ensino Superior torna-se desejável, e acontece, após a compreensão dos processos e práticas de decisão.

A formação de professores à luz do "processo de Bolonha" valoriza mais a metodologia de trabalho de projecto e os contextos de formação, dando oportunidade à construção de experiências significativas.

A Estrutura organizativa e lógicas de abordagem do programa de Estudo do Meio

O Estudo do Meio afirma-se como área curricular de abertura para o Mundo, para a diversidade da realidade física e social, para a riqueza

de conhecimentos e experiências que possam fazer “crescer” no aluno a compreensão do mundo em que vive e a que pertence.

Os Estudos Sociais e Ciências do 1º ciclo, e os Meios Físico e Social apontam para três vertentes, (Roldão, 1995), sendo elas:

- Como 1ª vertente, a exploração do meio próximo, tais como: a casa, a rua, o bairro, a comunidade local, escola, num alargamento gradual à vila ou cidade, permitindo uma visão mais ampla acerca do estudo do meio físico e naturais idênticas na região e no país.

- Como 2ª vertente, o plano temporal, partindo do presente e progredindo lentamente para o passado próximo, individual e familiar, só recuando ao passado mais distante a propósito de monumentos ou vestígios locais, ou a respeito de alguns marcos fundamentais da história do país. Saliente-se que o passado é mais inacessível que o presente como conteúdo de aprendizagem.

O Estudo do passado limita-se ao conhecimento de factos históricos associados aos feriados nacionais.

- Como 3ª vertente a progressão do eu para os outros e para a comunidade. Aqui o aluno inicia a maioria dos temas por uma análise de si próprio (o seu corpo, a sua segurança, as características pessoais). Assim, este tem como objectivo conhecer a sua própria pessoa e respectivas experiências, distanciando-se de si próprio para se auto-analisar e posteriormente reflectir esses conhecimentos para os outros e para a humanidade.

1.2.4 - Resumo do Programa da unidade curricular Estudo do Meio I no Curso de Licenciatura em Educação Básica

Esta unidade curricular visa conhecer e valorizar o Património Cultural; Compreender o património como memória histórica e cultural; Conhecer e promover a história local e regional; Contribuir

para o desenvolvimento e afirmação da identidade cultural; Promover atitudes de cidadania face ao Património Cultural; Compreender fenómenos de multiculturalismo e interculturalidade.

Através da metodologia de trabalho de projecto vamos dar oportunidade aos alunos de construírem os seus saberes analisando e interagindo em contextos diversificados, oriundos da comunidade envolvente. Pretende-se deste modo contribuir para práticas educativas inovadoras, assentes em novas formas de ver a realidade educativa, tendo como eixos orientadores a aprendizagem e diversidade cultural dos indivíduos. Vamos dar relevo aos trabalhos de Maria do Céu Roldão sobre o Estudo do Meio no 1.º ciclo: fundamentos e estratégias.

1.2.5 – Observação sobre a unidade curricular Ensino / Aprendizagem do Meio Físico e Social I nos Cursos de Licenciatura no 1º Ciclo do Ensino Básico e Licenciatura em Educação de Infância

Concomitantemente com a unidade curricular precedente, o Ensino / Aprendizagem do Meio Físico e Social I visa conhecer e valorizar o Património Cultural; Compreender o património como memória histórica e cultural; Conhecer e promover a história local e regional; Contribuir para o desenvolvimento e afirmação da identidade cultural; Promover atitudes de cidadania face ao Património Cultural; Compreender fenómenos de multiculturalismo e interculturalidade.

Na sua especificidade esta unidade curricular contempla a didactização de alguns dos conteúdos anteriormente expressos.

O trabalho em projectos dá oportunidade aos alunos de construírem os seus saberes analisando e interagindo em contextos diversificados, oriundos da comunidade envolvente.

Os princípios do Modelo da Escola Moderna, subjacente à organização social do trabalho de aprendizagem escolar

Este modelo assenta num projecto democrático de autoformação cooperada de docentes, transferindo por analogia para um modelo de cooperação educativa nas escolas. É um modelo sociocentrado, defendendo uma prática democrática e cooperada na gestão de conteúdos, actividades, materiais, tempos e espaços, (Grave-Resendes, 2002).

No aperfeiçoamento do modelo pedagógico são reconhecidas as influências conceptuais e teóricas da pedagogia institucional, do auto-governo - referências a António Sérgio - bem como à aprendizagem social e interactiva, inspirada em Vygotsky, (Niza, 2002).

O modelo preconiza metodologias activas e diferenciadas de trabalho escolar, fomentando a participação democrática dos alunos, na vivência em cooperação na sala de aula, bem como nos diversos contextos da vida escolar e comunitária. Parte das necessidades e dos interesses dos alunos para uma partilha de forma contratual e dialógica, em processos de negociação continuada de tempos recursos e conteúdos escolares. Tem como finalidade o envolvimento e a co-responsabilização dos alunos na sua própria aprendizagem, numa perspectiva de educação inclusiva.

Com a convicção de que os fins democráticos da educação devem ser veiculados pelos meios pedagógicos, Niza sintetiza um conjunto de pressupostos do Modelo do Movimento da Escola Moderna, para o processo educativo nas escolas, (Niza, 1998):

- Uma acção educativa centrada no trabalho diferenciado de aprendizagem dos alunos em oposição ao ensino simultâneo dos professores;
- Um desenvolvimento de competências cognitivas e sócio-afectivas, que passa pela acção e pela experiência efectiva dos alunos, organizados em estruturas de cooperação educativa;

- Uma convicção de que o conhecimento se constrói pela consciência de percurso da sua própria construção. Dos processos de produção integrados, (em projectos de estudo, de investigação ou de intervenção) para a compreensão dos conceitos e das suas relações;

- Um sentido social do trabalho conferido pela tensão organizadora e estruturante do conhecimento adquirido ao longo da participação em projectos. Os alunos partem do estudo, da experiência e da acção nos projectos envolvidos, para a sua comunicação.

- Uma organização contratada da acção educativa que evolui por acordos negociados entre as partes envolventes e que resulta numa cooperação formativa e reguladora da gestão dos conteúdos programáticos, da organização dos meios didácticos, dos tempos e dos espaços;

- Uma realização do trabalho escolar fora da sala apenas decorrendo do plano individual de trabalho, autoproposto, complemento de actividades de pesquisa documental, inquérito, leitura de livros ou produção de textos;

- Uma organização de um sistema de pilotagem do trabalho diferenciado dos alunos, através de estruturas de cooperação assentes num conjunto de mapas de registo. Este sistema sustenta o planeamento e a avaliação cooperada das aprendizagens e da vida social da turma;

- Uma prática democrática da organização, partilhada por todos, formalmente instituída em Conselho de Cooperação Educativa, que efectiva a regulação social da vida escolar; processos de trabalho escolar reproduzindo processos sociais autênticos, da construção da cultura nas ciências, nas artes e na vida quotidiana. Estratégias de aprendizagem orientadas por estratégias metodológicas de cada área científica e não por transposições didácticas;

- Uma cultura produzida e partilhada pelos alunos, assente em circuitos sistemáticos de comunicação como validação social do trabalho de produção e de aprendizagem;

- Um desenvolvimento curricular acompanhado de um sentido sócio-moral, dado pela cooperação e a entajuda dos alunos na construção das aprendizagens;

- Uma intervenção dos alunos no meio, na comunidade, bem como uma integração de actores da comunidade educativa como fontes de conhecimento dos projectos de estudo dos alunos.

A sintaxe do modelo pedagógico do MEM pode ser observada no seguinte esquema:

Sintaxe do Modelo Pedagógico do MEM

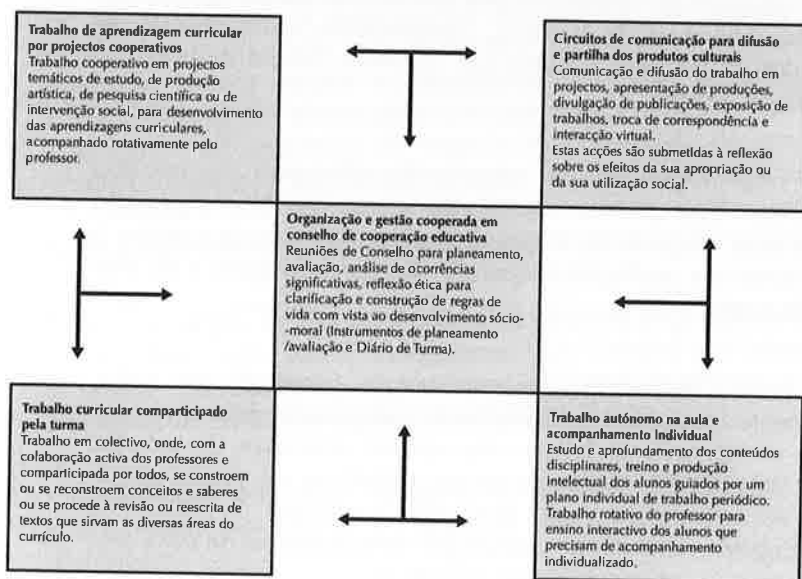


Figura 1 - A sintaxe do Modelo Pedagógico do MEM

Para a realização do nosso trabalho centrámo-nos essencialmente num dos núcleos de acção: O trabalho de aprendizagem curricular por projectos cooperativos.

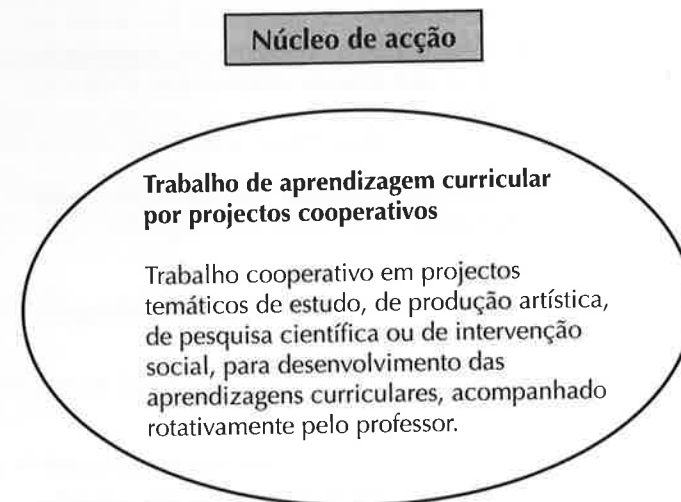


Figura 2 - Núcleo da Acção - Trabalho de aprendizagem curricular por projectos cooperativos

Indicadores para uma apreciação do trabalho realizado no âmbito do tempo de trabalho em projectos:

Foram consideradas questões orientadoras da reflexão do nosso trabalho que passamos a descrever:

- 1 - O projecto visa a construção de um produto cultural relevante?
- 2 - O percurso implica a realização de uma cadeia de actividades indispensáveis à construção desse produto cultural?
- 3 - Parte-se do que os alunos são e sabem, perspectivando a (re) construção de saberes e experiências de aprendizagem?

4 - Os alunos antecipam o percurso de trabalho a realizar, tomando decisões ? (por oposição ao cumprimento de um guião)

5 - É dada aos alunos a possibilidade de passarem por todas as etapas do processo de trabalho, desde a programação à avaliação dos processos experimentados e dos saberes construídos? ("Não há projecto sem antecipação" Sérgio Niza.)

6 - O projecto visa a apropriação do currículo? (Por oposição a uma mera aplicação de conhecimentos?)

7 - A pesquisa de informação é perspectivada como uma aprendizagem a fazer com a orientação do professor?

O processo de trabalho

Em Outubro de 2007 iniciámos o desenvolvimento de um trabalho de projecto, com os alunos de duas turmas dos cursos de Licenciatura Educação Básica, Licenciatura em Educação de Infância e Licenciatura no 1º Ciclo do Ensino Básico. A unidade curricular escolhida foi o Estudo do Meio I e Ensino / Aprendizagem do Meio Físico Social I respectivamente.

Assim, propusemos aos alunos a abordagem dos conteúdos programáticos da disciplina a partir de uma metodologia de trabalho de projecto.

A análise conjunta dos conteúdos programa das unidades curriculares Estudo do Meio I e Aprendizagem do Meio Físico Social I resultou na seguinte proposta apresentada pelos alunos:

- Arqueologia na Madeira
- Calendário festivo na RAM

- Feriados Nacionais e Regionais

- Fruição do património cultural de Machico

- Fruição do património cultural do Funchal

- Gastronomia tradicional madeirense

- Património cultural e bens Imateriais

- Património cultural madeirense – música dança teatro arquitectura

- Símbolos da Região Autónoma da Madeira

- Da 1ª República ao Estado Novo

Apresentámos ainda os instrumentos para a pilotagem das aprendizagens, construídos a partir da nossa percepção da organização do trabalho de projecto e do auxílio do manual de apoio à oficina de formação – Introdução ao Modelo Pedagógico da Escola Moderna, conforme se pode ver no anexo 1

– Roteiro para o trabalho

- Pesquisa autónoma e responsabilização pelo trabalho de grupo

A gestão do tempo em sala de aula teve como primeira preocupação a orientação / supervisão dos grupos de trabalho. Na calendarização das aulas fazia parte dois momentos de troca de vivências entre grupos sobre o processo. Embora tivéssemos organizado visitas de estudo a locais e a monumentos de interesse demarcado, a maior parte do tempo de investigação dos alunos decorreu fora das aulas, em primeiro lugar porque o equipamento informático de acesso à Internet

não proliferava, e em segundo, porque muita pesquisa requeria visitas e observações directas aos locais de estudo.

O acompanhamento dos trabalhos e a avaliação do processo tinha os seguintes instrumentos reguladores:

- Pesquisa autónoma e responsabilização pelo trabalho de grupo (anexo 1)
- Guião do trabalho de grupo (anexo 2).

Ao longo do semestre os alunos apresentaram à turma os trabalhos desenvolvidos.

A avaliação dos produtos finais foi efectuada seguindo:

- A avaliação dos produtos escritos (anexo 3)
- Avaliação da apresentação oral (anexo 3)

Os produtos obtidos

Os trabalhos realizados e apresentados ao longo da unidade curricular seguiram as temáticas definidas anteriormente. A título de exemplo fazemos referência a um trabalho sobre Gastronomia Tradicional Madeirense, também publicado pelas alunas em weblog no seguinte endereço:

<http://gastronomiamadeirense.blogspot.com/>

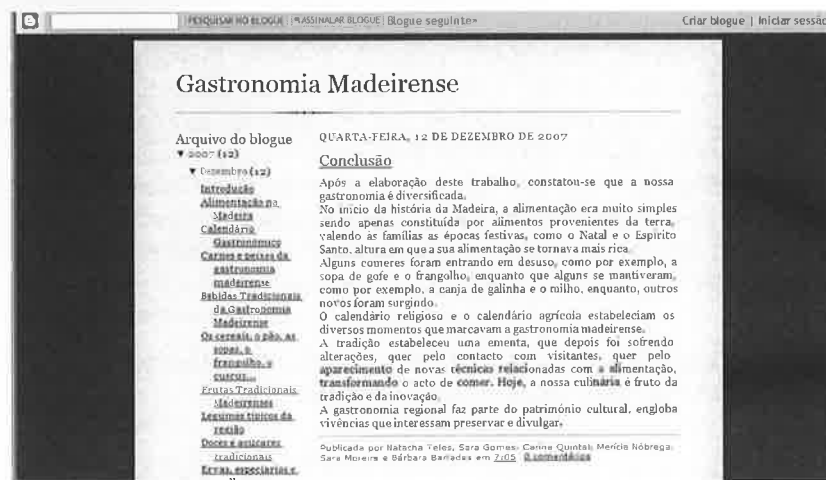


Figura 3 – Imagem do weblog Gastronomia Madeirense

1.3 - Reflexão sobre o trabalho que pretendemos continuar

Na tentativa de analisar melhor a experiência desenvolvida respondemos a algumas questões indicadas pelos formadores, tendo sempre em conta que esta experiência e esta reflexão são apenas os primeiros contributos para um percurso que pretendemos continuar.

1– O projecto visa a construção de um produto cultural relevante?

Consideramos positivos os produtos resultantes dos projectos dos alunos.

No exemplo anterior, é visível e reconhecida a utilidade da temática. Esta página tem sido alvo de uma consulta considerável. Acresce o facto de serem raras as abordagens à gastronomia na perspectiva histórica.

Nas outras temáticas - Arqueologia na Madeira; Calendário festivo na RAM; Feriados Nacionais e Regionais; Fruição do património cultural de Machico; Fruição do património cultural do Funchal; Gastronomia tradicional madeirense; Património cultural e bens Imateriais; Património cultural madeirense, música dança teatro arquitectura; Símbolos da Região Autónoma da Madeira; Da 1ª República ao Estado Novo - a procura das raízes identitárias frequentemente de carácter oral estiveram sempre presentes. Os alunos desenvolveram um intenso trabalho de pesquisa no meio social onde estavam inseridos. Algumas destas pesquisas foram cruzadas, comparadas com outras, ou com literatura existente.

2- O percurso implica a realização de uma cadeia de actividades indispensáveis à construção desse produto cultural?

A liberdade conferida aos alunos para a realização das suas pesquisas bem como a forma autónoma de construção do percurso de pesquisa, conferiu significado próprio e permitiu ainda aos mesmos apropriarem-se dos conhecimentos em contexto real.

A construção do significado das aprendizagens partiu do conhecimento real dos alunos e perspectivou a construção de saberes e experiências de aprendizagem.

3 - Parte-se do que os alunos são e sabem, perspectivando a (re) construção de saberes e experiências de aprendizagem?

Desde a escolha das temáticas a desenvolver aos produtos a apresentar, os grupos manifestaram grande consciência no desenvolvimento do conhecimento situado. Alguns trabalhos exemplificativos:

- Arqueologia na Madeira

- Calendário festivo na RAM

- Fruição do património cultural de Machico

- Gastronomia tradicional madeirense

4 - Os alunos antecipam o percurso de trabalho a realizar, tomando decisões ? (por oposição ao cumprimento de um guião)

Os alunos tiveram um grau de liberdade grande para a realização dos trabalhos, em tempo de trabalho autónomo. Esse grau de liberdade permitiu aos grupos desenvolver percursos de trabalho diferenciado.

5 – É dada aos alunos a possibilidade de passarem por todas as etapas do processo de trabalho, desde a programação à avaliação dos processos experimentados e dos saberes construídos? (“Não há projecto sem antecipação” Sérgio Niza.)

O trabalho autónomo permitiu aos grupos reflectirem diferenciadamente os processos desenvolvidos. Exemplo: houve grupos que atribuíram mais ênfase à dinâmica de trabalho inter-pares, quando outros concentraram-se mais nos produtos;

- O projecto visa a apropriação do currículo? (Por oposição a uma mera aplicação de conhecimentos?)

A apropriação do currículo foi conseguida com envolvimento dos alunos e professores;

A negociação do trabalho esteve sempre presente, dando a oportunidade de cada grupo trabalhar os conteúdos mais motivadores para os mesmos;

Os conhecimentos foram adquiridos à medida que os alunos aprofundavam as temáticas seleccionadas por eles. A aplicação e construção de conhecimentos foi feita concomitantemente.

7 - O projecto visa a apropriação do currículo?

Os alunos apropriaram-se do programa pensando também na forma de o operacionalizar. Assim, o convite à participação nas diferentes dimensões do currículo foi efectuado e conseguido desde o primeiro momento do trabalho.

Isso pareceu-nos conseguido ao longo do trabalho quanto aos papéis de aluno (construtor de competências) e do professor, (orientador de percursos de aprendizagem).

A reflexão / avaliação do trabalho, guiada pelos instrumentos previamente construídos por nós pareceu-nos pouco adequada (excessiva burocratização dos processos) e pouco rica, face à envolvimento dos alunos no trabalho. Não previa a observação dos percursos mais significativos efectuados pelos alunos. Sendo assim, deveriam estes ter colaborado na construção de instrumentos de avaliação que se lhes adequasse melhor ao trabalho desenvolvido.

Conclusão

A nossa experiência permitiu-nos pensar / analisar a prática pedagógica a partir de um relato de práticas socioculturais. Quisemos fazer uma aproximação a um dos elementos da sintaxe do modelo pedagógico MEM. Tendo consciência que esse trabalho está ainda no início, sabemos que é necessário dar continuidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Manual da Oficina de Iniciação ao Modelo Pedagógico do MEM - Ensino por Disciplinas

Outras referências

Boutinet, J.-P. (1996). *Antropologia do projecto*. Lisboa: Instituto Piaget.

Brazão, P. (2008). *Weblogs, Aprendizagem e Cultura da Escola: um estudo etnográfico no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Unpublished Tese de Doutoramento, Universidade da Madeira, Funchal.

Câmara, M. (1998). *A identidade e a diferença: marcas impressas pelo educador em cada criança*. Porto: Porto Editora.

Estalella, A. (2006 a). Anatomia de los blogs. La jerarquia de lo visible. *TELOS Abril-Junio 2006 N° 67 Segunda Época* Retrieved 18 Junho, 2006, from <http://www.campusred.net/telos/articulocuaderno.asp?idarticulo=9&rev=65#top>

Fino, C. N. (2006). *Inovação e invariante (cultural)*. Paper presented at the VII Colóquio sobre Questões Curriculares, Braga.

Forquin, J.-C. (1993). *Escola e Cultura: As bases epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Fortunato, M. (2003). *Autoria sob a materialidade do discurso*. Unpublished Mestrado, Faculdade de Educação (FE) USP, São Paulo.

Giroux, H. (1999). *Cruzando as fronteiras do discurso educacional*. Porto alegre: Artmed.

Grave-Resendes, L., & Soares, J. (2002). *Diferenciação pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.

Lave, J. (1988). *Cognition in practice*. Cambridge: Cambridge University Press.

Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning Legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press.

ME (1997). Orientações curriculares para a educação pré-escolar Available from http://www.oei.es/inicial/curriculum/orientacoes_portugal.pdf

Niza, S. (1998). A organização social do trabalho de aprendizagem no 1º Ciclo do Ensino Básico. *Inovação, n°11*, 77-98.

Niza, S. (2002). Posfácio. In I. Nunes (Ed.), *A. Freinet - actualidade pedagógica de uma obra*. Porto: Edições Asa.

Papert, S. (1991). Situating Constructionism. In I. Harel, & S. Papert (Ed.), *Constructionism* (pp. 1-12). Norwood, NJ: Ablex Publishing.

Roldão, M. (1995). *O estudo do meio no 1º ciclo - fundamentos e estratégias*. Porto: Texto Editora.

Sousa, A. (2003a). *Educação pela arte e artes na educação - bases psicopedagógicas* (Vol. 1). Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, A. (2003b). *Educação pela arte e artes na educação - drama e dança* (Vol. 2). Lisboa: Instituto Piaget.

Tonucci, F. (1988). *Com olhos de criança*. Lisboa: Instituto Piaget.

Wolton, D. (2000). *E depois da internet?* Lisboa: Difel.